“É uma *shuriken*!”

“Uaaaau!!!”

Ela me lançou um sorriso convencido, vestida com o uniforme da escola. “E agora é um *kusudama*!”

“Que legal!”

Ela estufou o peito com orgulho enquanto dobrava cada origami. “Esse aqui pode ser um presente pra Hanako.” Então se inclinou até onde o cachorro estava, curtindo o ventilador ao nosso lado, e colocou gentilmente o capacete azul sobre a cabeça dele.

“O nome dele é *Gon*, sabia?”

“Wa ha ha ha ha!”

Ela tinha, com certeza... um jeito de irmãzona.

***

“Enfim, de qualquer forma, vamos ver, uh… Bem, estou de volta em casa agora, mas tem sido meio difícil, sabe! Dizem que ‘não é nada de mais’ sempre que eu dou notícias, mas ainda não vendi muita coisa… Waaaaah, eu só quero ir pra casa! Mas *essa* é minha casa! Ga ha ha! Enfim, acho que volto em dois dias. Tomara que o vovô me leve de carro! Enfim, continuando — Nossa, eu fico repetindo ‘enfim’, mas enfim, quando eu voltar, quer se encontrar? É engraçado, porque, tipo, toda vez que eu te vejo, uma parte de mim fica tipo ‘Aaaaaahhh!’ Ou talvez mais como ‘AAAAAHHH!’ Isso faz sentido? Não, claro que não. Espera, talvez até que faça? Legal, legal. Enfim, de qualquer forma… Uhum… É, é… Hã? Seus p—espera, espera, espera, você vai deixar…deixar eu tocar neles? Vai mesmo? Sério, sério? Tipo, você sabe que eu…uh…dá pra dizer que eu…gosto de peitos, acho? Mas…uh, é, M-Miyabi… Agh, meu estômago embrulhou agora! Eu quase nunca chamei alguém pelo primeiro nome, então não tô acostumada! Tem certeza de que a gente tem a mesma idade? Certo. Ah, entendi… Então o número exato é um mistério. O enredo se complica! Hã? Saí do assunto? Certo, onde a gente estava… Aperta aperta apertaaaaa! Sempre que eu toco, parece que minhas orelhas vão voar. Dá até um medinho! São tão quentinhos que fico achando que minhas mãos vão derreter, e minha cabeça vira uma neblina… Não, não! Mas, uh…é, total, me deixa tocar, vai. Por favooor, com açúcar em cima! Tchaaaauuu!”

Quando ela desligou a ligação, de repente começou a rir descontroladamente, com a voz até rachando. Parecia que estava perdendo o fio da meada. Aí ela se virou, e no segundo em que me viu, levou um baita susto, com aquele sorrisinho ficando ainda mais abobalhado.

“Hhggpph!”

Essa era a garota mais velha da vizinhança com quem eu costumava brincar durante os feriados, sempre que visitava a casa da vovó e do vovô. Anos haviam se passado desde aqueles dias dourados, e ainda assim ela não tinha mudado nadinha. Sério, ela ainda parecia estar no ensino fundamental — eu costumava

chamá-la de “irmã mais velha”, mas, honestamente, isso seria bem esquisito agora. Ela não tinha crescido um centímetro sequer. E, como se não bastasse, estava usando inexplicavelmente um crachá escrito *ESTAGIÁRIA* como presilha de cabelo. Agora parecia que eu era a mais velha.

Era o meu décimo sétimo feriado de Ano Novo, e, como todo ano, minha família decidiu passá-lo visitando meus avós. Suspeitava que ela e eu tínhamos saído da festa noturna pelos mesmos motivos… e agora estávamos ali. Com o brilho quente das duas casas atrás de nós, ficamos paradas. Não que eu tivesse algo de que me envergonhar, é claro; tudo que eu fiz foi sair para fora.

Foi então que ouvi uma voz, mas já era tarde demais para voltar, então simplesmente fiquei ali, escutando. Considerando o assunto da conversa, no entanto, talvez o gesto mais gentil que eu pudesse oferecer fosse fingir que não ouvi nada. Embora eu argumente que ela também não devia estar falando daquilo bem no quintal da frente. E assim, o ar entre nós ficou tenso.

“Você é… a Tsukiyo-chan, né?” ela perguntou, esticando o pescoço para me olhar.

Nem passou perto, mas tudo bem, tanto faz.

“Você tá diferente,” continuou, inclinando a cabeça com uma expressão confusa.

Bom, ao menos uma de nós está.

Ela deu uma olhada rápida no celular, bufou e levou a mão ao rosto. O olhar dela espiava por entre os dedos, saltando de um lado pro outro, inquieto. Estava claramente cheia de energia para se remexer, mas a conversa em si não saía do lugar.

“Uhhh…”

“Kkhhhh!”

“Hã?”

“Eu não quero que você tenha a impressão certa—quer dizer, errada!”

“A impressão certa-errada?”

“É que, tipo, aquilo foi, uh… Basicamente, eu só tava falando no telefone!”

“Certo…” *Sabe, acho que essa garota não sabe conversar com as pessoas.*

“Vo—você ouviu minha conversa?”

“Ouvi—ouvi sim.”

“A conversa toda?”

Em silêncio, amaldiçoei minha honestidade automática. Devia ter fingido que não entendi nada e voltado para dentro. “Uh… tipo, metade?”

“Mas qual metade?”

Convenhamos, o começo da conversa era bem diferente do final. “A, uh… a primeira metade, é.” Logicamente, se eu só tivesse ouvido a primeira metade, não estaria parada ali ainda. Mas deixa para lá.

“Só a primeira metade? Então… eu dei sorte?”

Não me pergunte isso. “Sorte” definitivamente não era a palavra que eu usaria para descrever a evolução dela de vizinha gentil e carinhosa para… seja lá o que isso era agora.

“Entãããão… v-você tá tendo uma vida boa?!” ela perguntou, com o olhar pulando ainda mais rápido de um lado para o outro.

Que pergunta mais esquisita. Será que ela realmente achava que isso era uma forma inteligente de mudar de assunto? Sentindo uma leve preocupação, parei para pensar na pergunta, mesmo que só pela metade.

“Hmm, diria que tá bem decente?” Ainda mais porque eu podia passar mais um feriado com aquele velho cão. Na verdade, “bem decente” era modesto demais; dava para perceber pelo jeito que meu nariz começava a arder.

“Ahhh, que bom ouvir isso!” Girando como um pião, ela tentou correr de volta para dentro de casa.

“E você, onee-chan?” perguntei, ressuscitando aquele velho apelido sem nem pensar.

Ela parou na hora, se virou e fez uma pose. Então, com as duas mãos, tentou estalar os dedos — ou melhor, tentou, porque mal fez barulho. “Ééé!”

Isso não respondeu à minha pergunta.

Ela fugiu para dentro de casa e, um segundo depois, ouvi um gritinho agudo, parecido com o de um bichinho ferido da floresta — não que eu tenha passado tempo com bichos da floresta, feridos ou não.

“Acho que ela tem as próprias batalhas pra enfrentar,” pensei em voz alta. Pelo jeito, agora ela tinha uma namorada: ou isso, ou ela era do tipo que saía por aí apalpando as amigas, o que seria bem mais preocupante, para ser sincera.

Uma namorada… Se eu tivesse dito “eu também”, como será que ela teria reagido?

“Ah, agora é minha vez, pelo visto.”

Meu celular vibrou e eu dei uma olhada. Minha namorada sempre mandava uma mensagem antes, pedindo permissão para me ligar. Para mim, isso nunca pareceu necessário, mas talvez ela precisasse garantir que eu atenderia para acalmar a própria ansiedade ou algo assim.

Então, quando atendi a ligação da Adachi, a primeira coisa que perguntei foi: “Ei, você tá tendo uma vida boa?”

“Hã? O quê… uh… bem, nesse exato momento, diria que acabou de melhorar drasticamente!”

Ah, que bom ouvir isso.